

**ENSAIANDO O CONCEITO DE RACIALIDADE A PARTIR DO PRISMA
DISCURSIVO**

**REHEARSING THE CONCEPT OF RACIALITY FROM A DISCURSIVE
PERSPECTIVE**

Luiz Henrique Costa de Santana¹

Universidade de Federal de Pernambuco

Clarice de Freitas Silva²

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Resumo: Assim como o capitalismo, o racismo tem se reinventado e readaptado aos diversos conceitos e ferramentas emergentes do século XX e do século XXI. A internet, os *reality shows*, a uberização do trabalho e toda sorte de recursos visuais escancaram as estruturas sociais que fomentam, fortalecem e sustentam a estrutura do racismo, da desigualdade racial e do genocídio do negro brasileiro. Refletiremos sobre o conceito de raça. Em uma pesquisa acadêmica há uma preocupação sobre quem fala, o que fala e para quem se fala, sendo assim, pensaremos sobre como esse conceito está chegando para a população e para quem se dirige. E, assim, conseguimos vislumbrar a seguinte questão: que tipo de dispositivo analítico discursivo eu preciso construir para pensar raça? Para isso, utilizamos Frantz Fanon (2008), Stuart Hall (2015a; 2003b), Kwame Appiah (1997), com temas concernentes a raça e racialidade; e Ferdinand Saussure (1975), Jaques Lacan (1979), Mariana Cestari (2017) e Rogério Modesto (2018), com temas concernentes a significado e significante, e discursos racializados, no intuito de refletir esses conceitos e pensá-los no âmbito da sociedade.

Palavras-chave: Racismo; Negro; Raça; Análise do Discurso Materialista; Linguística.

Abstract: Like capitalism, racism has reinvented itself and readapted itself to the various concepts and tools emerging from the 20th and 21st centuries. The internet, reality shows, the uberization of work, and all sorts of visual resources expose the social structures that foster, strengthen, and sustain the structure of racism, racial inequality, and the genocide of black Brazilians. We will reflect on the

¹ Mestrando em Letras pela UFPE, Educador Popular, Graduado em Letras - Português e Inglês pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE). Professor Especialista em Cultura e Literatura pela INTERVALE. E-MAIL: santanaluzhc@gmail.com

² Mestranda em Estudos da Linguagem pela UFRPE/SEDE, Funcionária pública, graduada em Letras - Português e Inglês pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE). Professora Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Gramática Normativa da Língua Portuguesa pela INTERVALE. E-mail: clariceuf@gmail.com

concept of race. In an academic research there is a concern about who speaks, what is spoken about, and to whom it is spoken for; therefore, we will think about how this concept is reaching the population and to whom it is addressed. And, thus, we can glimpse the following question: what kind of discourse analytic device do I need to build in order to think about race? For this, we used Frantz Fanon (2008), Stuart Hall (2015a; 2003b), Kwame Appiah (1997), with themes concerning race and raciality; and Ferdinand Saussure (1975), Jaques Lacan (1979), Mariana Cestari (2017) and Rogério Modesto (2018), with themes concerning meaning and signifier, and racialized discourses, in order to reflect these concepts and think about them at the core of society.

Keywords: Racism; Black; Race; Materialist Discourse Analysis; Linguistics.

Submetido em 12 de janeiro de 2024.

Aprovado em 18 de abril de 2024.

Notas iniciais

“Na encruzilhada não se pode reivindicar o centro” (38 min. 05 segs.). É com essa fala do Prof. Dr. Luiz Rufino (2021), proferida em uma palestra sobre a pedagogia das encruzilhadas, título do livro homônimo a sua pesquisa doutoral, que inicio este ensaio. Discurso e racialidade é um tema que evoca uma multiplicidade de pontos de vista. Tendo isso em perspectiva, digo que ensaiar sobre esse campo é cruzar saberes e epistemologias que por vezes se embatem; mas ainda há pontos em comum válidos na discussão entre esses saberes. Partindo daí, Frantz Fanon, Stuart Hall, Kwame Appiah (1997) são mobilizados, com temas concernentes a raça e racialidade; e Ferdinand Saussure, Jaques Lacan, Mariana Cestari e Rogério Modesto³, com temas concernentes a significado e significante, e discursos racializados, no intuito de refletir esses conceitos e pensá-los no âmago da sociedade.

Diante disso, a problemática que tem nos inquietado na contemporaneidade se move entre as percepções de diálogo e monólogo. Por conta das transformações sociais e toda sorte de discursos políticos engendrados nas instituições nos parece, em vários momentos, que estamos falando para as paredes das instituições, estamos escrevendo trabalhos que serão lidos por pessoas que já trabalham com o tema a bastante tempo, ou que se interessam acerca

³ É vital salientar que fora a disciplina “Discurso e Racialidade”, ministrada pelo Prof. Dr. Rogério Luid Modesto que proporcionaram essas inquietações, que por sinal, culminaram nesse escrito. Okê Arô, meu pai Oxòssi. Que o guerreiro das florestas te dê caminhos Luid.

do tema de maneira inicial. Mas o foco primordial aqui está justamente na destruição do racismo, na queda das suas artimanhas e na derrubada das suas estruturas.

Assim como o capitalismo, o racismo tem se reinventado e readaptado aos diversos conceitos e ferramentas emergentes do século XX e do século XXI. A internet, os *reality shows*, a uberização do trabalho e toda sorte de recursos visuais escancaram as estruturas sociais que fomentam, fortalecem e sustentam a estrutura do racismo, da desigualdade racial e do genocídio do negro brasileiro. Logo, mesmo nos interessando pela temática e propondo perspectivas das mais diversas, parece que estamos falando sozinhos. Entendemos aqui que nós somos os outros criados pelo ocidente, somos os diferentes, os exóticos, os perigosos e na atualidade, ainda que pareça uma perceptiva afropessimista⁴, somos aqueles que têm falado sozinhos, pois o sistema da branquitude não tem predisposição para o diálogo que acabe com os seus privilégios.

Concernente a esta metáfora, refletiremos sobre o conceito de raça. Em uma pesquisa acadêmica há uma preocupação sobre quem fala, o que fala e para quem se fala, sendo assim, pensaremos sobre como esse conceito está chegando para a população e para quem se dirige. E, assim, conseguimos vislumbrar a seguinte questão: que tipo de dispositivo analítico discursivo eu preciso construir para pensar raça?

1 Pontos entrelaçados: estudos culturais, linguística, psicanálise

A volta pressupõe uma ida. No início do texto-palestra intitulado de *Raça: um significante flutuante*, o pesquisador Stuart Hall (1996. p.1) entrega uma verdade no primeiro período enunciado, diz ele: “Mesmo que alguns considerem um tanto tarde, **quero voltar à questão** do que queremos dizer, quais são as implicações de dizer — como fiz no título bastante provocador desta palestra — que raça é uma construção discursiva, um significante deslizante. (grifo nosso)”. O trecho que preconizamos aqui diz, “quero voltar à questão”, essa volta ao caminho já percorrido denuncia que esse mesmo caminho já foi trilhado. A primeira pergunta provável seria: quando? A pergunta mais eficiente seria: onde?

Diante dessa constatação epifânica, segue uma análise baseada em rastros deixados pelo teórico aqui mencionado. Da sua vasta biografia mobilizada nos estudos culturais que

⁴ WILDERSON III, Frank B. *Afropessimismo*. São Paulo: Todavia, 2021.

prescrutam a identidade, duas reverberam muito na academia e são pontos de leituras constantes, revisadas e ampliadas. Dado isso, citamos: *A identidade cultural na pós-modernidade*, escrito em 1992; e *Da diáspora*, escrito em 1998. Nisso, o autor analisa essa identidade cultural em um mundo que se vê temporário e pouco perene e pensa nos impactos tecnológicos da globalização e de cada movimento estético-político; já na obra sobre a diáspora, Hall constata que a cultura possui seu alicerce, justamente em ser, uma produção, ele ainda afirma ao fim dos textos ensaísticos que a cultura não se trata da ontologia, isto é, de um Ser, rígido, inflexível e imutável; mas sim do processo de mudança. O teórico nessa obra ainda reflete que a hegemonia de culturas que ainda determinam uma subjugação a outros povos é problemática e que “as identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera” (p.44), e talvez esteja aqui o fio presente na linha de partida, após caminhar todo o percurso a procura de uma questão, a volta ao ponto de partida, filosófico.

Assim, tanto o capítulo-ensaio *Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior* (p. 25) quanto o texto-ensaio *Que “negro” é esse na cultura negra?* (p. 335) são possíveis notar essas pistas deixadas por Hall, as quais ele retorna nessa palestra traduzida, pela Revista Z Cultural, para o português. Deixamos abaixo um trecho que serve como mote para a discussão da palestra-texto:

Além do mais, tendemos a privilegiar a experiência enquanto tal como se a vida negra fosse uma experiência vivida fora da representação. Só precisamos, parece, expressar o que já sabemos que somos. Em vez disso, e somente pelo modo no qual representamos e imaginamos a nós mesmos que chegamos a saber como nos constituímos e quem somos. Não há como escapar de políticas de representação, e não podemos lidar com a ideia de "como a vida realmente la fora" como uma espécie de teste para medir o acerto ou o erro político de uma dada estratégia, ou texto cultural. E não será surpresa para vocês que eu considere que "negro" não e, na realidade, nenhuma dessas coisas. Não é uma categoria de essência. **Portanto, essa maneira de compreender o significante flutuante na cultura popular negra e hoje, consequentemente, insatisfatória.** (HALL, [1998] 2003, p. 346. Grifo nosso).

O caminho a ser percorrido no entendimento dos elementos é inversamente proporcional à análise progressista sem fundamentação histórica em acontecimentos e escritos passados. As trilhas denunciam boa parte dos caminhantes. Acerca disso, o filósofo Stuart Hall pensa com uma gama de outros teóricos e no viés histórico fundamentalmente

alicerçado, pois perceber que um conceito flutua é perceber os rios temporários de significantes aos quais esse conceito, termo, concepção e definição se filia.

Tendo no horizonte analítico esse pensamento e, na prática da pesquisa, essas vinculações, percebe-se que o barro que molda essa teoria já estava pré-cozido e pré-moldado. Nesse contexto, percebe-se porque, na palestra *Raça: um significante flutuante*, Stuart Hall retorna ao pensamento parcialmente fundamentado no texto citado. O intuito é inquietar a sociedade com as meias-palavras ditas e esquecidas, por vezes não mencionadas.

Nisso, necessitamos mobilizar em conjunto uma gama de outras percepções que congreguem com este pensamento e que desafiem por outras instâncias. Posto isso, Marx, Fanon, Hall e Mbembe mobilizaram no campo cultural esse conceito, enquanto amarramos com nós frouxos os estudos culturais com o viés do discurso. Empreitada arriscada, mas primordial.

Para entender raça é necessário evocar algumas dimensões nas quais operam esse termo, são elas: a dimensão científica - na qual se identifica o fazer ciência em busca de distinções que compreendam a diferença biológica entre o negro e o branco, a saber a construção de um pensamento científico em torno da ideia de raça ou a desconstrução desse pensamento -; a dimensão política - dimensão na qual o conceito de raça está associado a uma dominação social, do branco sobre o negro, do senhor sobre o escravizado, do burguês sobre o proletariado, cujo sentido se embrenha por reconhecer ou não reconhecer-; por fim, a dimensão social - área essa que empreende-se uma mobilização ou uma não mobilização. Fato é que todas essas dimensões e/ou domínios compactuam de uma ambivalência. Concordar ou não. O mundo e a sua dualidade.

Nessas circunstâncias, percebe-se que há uma disputa pela palavra, já que se sabe como a linguagem está permeada pelo social e interpelada por ele, os conflitos sociais se materializam na língua, pois “os conflitos urbanos são antes de tudo, conflitos de sentido” (Orlandi, 1999, p. 09). Diante disso, é relevante trazer o texto do Stuart Hall na sua totalidade para pensar o termo raça e a sua instabilidade.

Hall retorna na palestra ao texto contido no livro *Da diáspora*, esse retorno potencializa o texto anterior enquanto prescruta nas minúcias raça e sua ontologia flutuante.

Para falar em termos bem genéricos, raça é um dos principais conceitos que organiza os grandes sistemas classificatórios da diferença que operam em sociedades humanas. E dizer que raça é uma categoria discursiva é reconhecer que todas as tentativas de fundamentar esse conceito na ciência, localizando as diferenças entre as raças no terreno da ciência biológica ou genética, se mostraram insustentáveis (HALL, 1996, p.1).

De início, Hall aponta que é nítida a rejeição de distinções biológicas acerca de raça. Porém, essa rejeição é um tanto quanto paradoxal, pois ainda que a tentativa de conceituar raça no nível biológico seja insustentável e faça persistir o racismo científico, e para “traços negroides” e outras características que olham quando se vê a necessidade de justificar a identidade negra. Assim, trazendo mais uma vez a fala de Hall: “O fato é que a definição biológica, fisiológica e genética de raça, convidada a se retirar pela porta da frente, tende a dar a volta e retornar pela janela”.

Para avançar na discussão, Hall se alicerça em Du Bois, mesmo pensador ao qual Kwame Anthony Appiah utiliza para entender como raça é uma ilusão, texto que será usado depois, por enquanto nos contentemos com o Hall. Para tanto, Hall a partir da leitura de Du Bois que aplica a raça o entendimento de signo, distintivo, chega-se à noção de significante flutuante, para caracterizar raça.

Antes de nos perdermos nesse conceito, é válido voltar ao que é base nos estudos linguísticos a partir de Ferdinand Saussure e Jacques Lacan, e a concepção de signo linguístico, significado e significante. Para Saussure o signo linguístico é formado pelo significado que compreende o conceito do signo e pelo significante que compreende a imagem acústica (SAUSSURE, 2006, p. 80.).

Enquanto Saussure implementa sua visão sobre a linguagem de maneira estruturalista, Jacques Lacan pensa o significante como prioridade em relação ao significado, já que para Lacan na teoria psicanalítica os significados são voláteis, instáveis e deslizantes. Pensando nessa subalternização do significado em Lacan, é notório afirmar que Stuart Hall, ainda que de modo omissivo, beba da vertente psicanalítica lacaniana.

Pois Lacan importa, metamorfoseia e torce o termo significante da teoria do signo linguístico de Saussure, dessa torção surge o conceito de significante como o organizador que proporciona o sentido e a significação, daí implica afirmar a sujeição do significado ao significante (LACAN, 1979, p. 187). Ou seja, o fio condutor entre raça e a noção de significante está vinculada aos estudos lacanianos consoantes a linguagem, pois para além da

estrutura rígida entendida por Saussure, bem decodificada e inovadora, a língua dança com os sentidos e com os sujeitos, interpelando todos a si.

Aqui chega-se a uma equação de schrödinger, a raça está viva e morta ao mesmo tempo. Se todo significante flutua e desliza, por que raça enquanto significante diferiria? O ponto este exclusivamente na materialidade das discussões sociais e das pautas que concretizam essa temática e por vez o retorno ao passado escravista é evocado, porém o retorno ao passado de glória, ancestralidade e espiritualidade no continente africano é visto em segundo plano, isso quando é visto. Ou seja, o meio social, o meio político e o meio científico retornam para essa nomenclatura na tentativa de justificar a raça em um nível empírico, visual e biológico.

Nesse ponto, retornamos ao trecho no qual Hall mobiliza o conceito de raça enquanto distintivo e signo a partir de Du Bois. Compreendemos, de maneira dialética, que raça é significante e o significante flutua. Por conta disso, o significante raça funciona, enquanto linguagem, pois na concepção de Hall, esse campo discursivo “está sujeito a um processo de perda de velhos sentidos, apropriação, acúmulo e contração de novos sentidos; a um processo infundável de constante ressignificação, no propósito de sinalizar coisas diferentes em diferentes culturas, formações históricas e momentos” (1996, p. 2). Se o mundo muda, se a sociedade muda, se o ser humano está sobre um constante Devir, a linguagem muda e com a linguagem os significantes.

Pensando em raça enquanto linguagem, é relevante prescrutar que o corpo deve ser lido, pois o sistema cultural que delega aos corpos negros o lugar do outro, subalternizado e marcado, atua na perpetuação de uma leitura da distinção que no que lhe concerne persiste na existência do racismo. Para tanto, Hall (1996) indica ser necessário ir além do que está posto nessa realidade objetiva. Questionando o que nos está imposto, e provocando reflexões para além do nível comum, que está impregnado pelo pensamento colonial do negro enquanto marcado não só pela raça, mas também pela sub-raça.

Frantz Fanon (2008, p. 103), autor que precede Hall, aponta no texto *A experiência vivida do negro* que o dizer do outro, identificado enquanto demanda e muitas vezes enquanto imposição, é um ponto a ser revisto. De início, o livro, *Pele negra, máscaras brancas*, elucida inúmeras questões sobre o modo de falar do negro e do branco e encaminha até um certo ponto, no qual o autor identifica até um certo pensamento do negro. Todas as questões são

relevantes, mas no capítulo cinco, nomeado acima, compõe uma discussão poética e por vezes terapêutica, no qual Fanon escreve o seguinte, de início: “Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um preto!” Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos” (FANON, 2008, p. 103).

A fala do outro por sobre o corpo negro, identifica um ser não-humano que vive aos arredores da raça dita humana, se é um negro, logo não é humano. Reproduzindo aqui um viés em muito apontado e reverberado no Brasil: “Onde é que negro é gente?”. Cada negro já ouviu uma frase tal qual Fanon que o marcou, algo que nos gritou negro. Essas frases enunciadas de um local de poder nos elucidam, nos faz cair em si, e pensar e repensar quais lugares nos são cabíveis. A fala do outro tem o poder de marcar, identificar e apontar que não somos iguais, pois o negro é visivelmente diferente.

Acerca de Fanon, Achille Mbembe aponta o seguinte:

A luta a que Fanon se refere desenrola-se num contexto onde o poder - neste caso o poder colonial - tende a reduzir aquilo que se considera vida ao extremo desprendimento do corpo e da necessidade. Fanon descrevia nos seguintes termos este extremo desprendimento do corpo e da necessidade: <<As relações do homem com a matéria, com o mundo, com a história são, no período colonial, relações com a alimentação>>, Para um colonizado, afirmava, «viver não é de modo algum encarnar valores, inserir-se no desenvolvimento coerente e fecundo de um mundo». Viver, é simplesmente <mão morrer>. Existir «é manter a vida». E acrescenta: «Porque a única perspectiva é esse estômago cada vez mais encolhido, cada vez menos exigente, é certo, mas que, ainda assim, é preciso contentar>>. Aos olhos de Fanon, esta anexação do homem pela força da matéria, a matéria da morte e a matéria da necessidade, constitui, concretamente, o tempo «antes da vida»a «grande noite», da qual é preciso sair, reconhece-se o tempo antes da vida pelo facto de que, sob o seu império, o colonizado não faz questão de dar um sentido à sua vida, mas antes «de dar sentido à sua morte». **Fanon atribuía todos os nomes a esta «Saída da grande noite»: a «libertação», o «renascimento», a «restituição», a «substituição», a «aparição», a «emergência», a «desordem absoluta» ou ainda «caminhar todo o tempo, a noite e o dia», «pôr de pé um homem novo», «encontrar outra coisa», um sujeito novo que surge íntegro da «argamassa do sangue e da raiva» - um sujeito quase indestrinçável, sempre como resto, como um desvio que resiste à lei, à divisão e à ferida. (MBEMBE, 2014, p. 283 - Grifo Nosso)**

Mbembe pensa, com base em Frantz Fanon, em um futuro que ainda para nós parece longínquo. Um futuro no qual o negro será humano, não mais terá a marcação de ser o outro,

subalterno, marginalizado, invisibilizado, estereotipado e extirpado de ciclos sociais mais diversos possíveis. Sair da grande noite é uma metáfora bastante sagaz, no sentido que a grande noite, a penumbra não permite que a outridade, na pessoa que compreende a branquitude, nos veja. Sair da grande noite é deixar de ser negro e torna-se humano.

Acerca do dito anteposto de Fanon e Hall, Kwame Appiah evidencia no seu texto *Ilusões de Raça*, a partir de uma leitura aprimorada e cuidadosa dos textos de Du Bois, que a concessão científica não pode bater o martelo e virar a ponta, é necessário pensar para além dos traços mais “evidentes” como cor da pele, tipo de cabelo e de como os ossos são distintos. Para tanto, Appiah entende a preocupação de Du Bois em preservar o conceito de raça não no nível biológico-científico, mas no nível sócio-histórico (APPIAH, 1997, p. 55).

O estudioso Kwame Appiah vai contrastando as teses e visões de Du Bois até repudiar totalmente o pressuposto biológico, para tal empreitada ele conclui a partir de Du Bois que:

A verdade é que não existem raças: não nada no mundo capaz de fazer tudo aquilo que pedimos que a raça faça por nós. Como vimos, até mesmo a noção do biólogo tem apenas usos limitados, e a noção que Du Bois requeria, e que subjaz os racismos mais odiosos da era moderna, não se refere a absolutamente nada que exista no mundo. O mal que se faz é feito pelo conceito, e por suposições simplistas - mas impossíveis - a respeito de sua aplicação. Falar de “raça” é particularmente desolador para aqueles de nós que levamos a cultura a sério. É que, onde a raça atua - em lugares onde as “diferenças macroscópicas” da morfologia são correlacionadas com “diferenças sutis” de temperamento, crença e intenção -, ela atua como uma espécie de metáfora da cultura; e só az ao preço de biologizar aquilo que é cultura, a ideologia (APPIAH, 1997, p. 75)

A tese central desse texto nomeia o capítulo estudado, *Ilusões de raça*, Appiah entende raça enquanto um conceito ilusório, utilizado com o intuito de subalternizar e manipular o outro, assim estabelecendo hierarquias e perpetuando a colonialidade, o impacto que a noção de raça segrega a partir de uma dualidade cristã, bem e mal, claridade e trevas, branco e preto (negro). Assim, o racismo perpetuado persiste enquanto prática vinculada a esse conceito. Para tanto, Appiah, culmina essa reflexão falando como o conceito de raça é uma ideologia, não na dimensão simples desse vocábulo, enquanto ideia estudada, mas ideologia enquanto a produção de evidências quase imperceptíveis impostas ao sujeito de uma forma que ele não apreenda a imposição de um posicionamento e informação ideológica. Assim, nessa percepção, raça existe enquanto ideologia de dominação e subalternização. Talvez o caminho a ser percorrido parta dessa esquina.

Hall identifica que os traços negroides são invocados constantemente quando o debate é dizer quem ocupa o lugar de negro no âmbito social, ou não. Diante disso, Hall, nas considerações finais dessa palestra-texto, retrata que é necessário pensar possibilidades e caminhos no combate ao racismo, pensando como a concepção do significante raça, enquanto flutuante, pode ser lida para além do aparente.

Pois, consoante a isso, Achille Mbembe, pensador camaronês, aponta que:

«Negro» - não podemos esquecer - é também uma cor. A cor da escuridão. Deste ponto de vista, o «Negro» é quem vive a noite, na noite, cuja vida se transformou em noite. A noite é o seu invólucro inicial, o tecido que forma a sua carne. É a sua imagem e roupagem. É esta permanência na noite e esta vida enquanto noite que o tornam invisível. O Outro não o vê, pois não há verdadeiramente nada para ver. Ou se o vê, só vê sombras e trevas - quase nada. Envolto na sua noite pré-natal, o Negro não se vê a si mesmo. A única coisa que ele vê é ele a bater com toda a gana numa parede sem porta. Levantando-se com todas as suas forças, e ao exigir que lhe seja aberta uma porta que não existe, cairá mais cedo ou mais tarde para trás, no passeio. Película de ser sem espessura, também nada vê. Aliás, a respeito da sua cor, o seu olhar só pode ser amniótico e mucoso. É esta a função talismânica da cor - grandemente se impõe como sintoma e destino ou, ainda, como um nó na trama do poder. Desta perspectiva, a cor negra tem propriedades atmosféricas. (MBEMBE, 2014, p. 257).

Acerca disso urge algumas associações, implica dizer que raça enquanto significante no campo discursivo precisa ser lido, e quais dispositivos são fulcrais na elaboração de possibilidades que pensem raça e discurso? Para tanto é viável aqui nesse texto, evocar a Análise de Discurso de linha Materialista no que diz respeito a tomada de posição teórica que performe a noção de raça. No que concerne a isto, é viável apontar que a partir de Zoppi, Modesto e Cestari visamos perceber como o prisma discurso se integra ao tema raça, ou melhor, pode ser integrado.

Porém, toda ida pode, por vezes, apontar um retorno, retorno ao ponto que nos cabe aqui ao destacar a relevância da transgressão nos estudos acerca da racialidade. Em seu livro *Ensinando a transgredir*, a pesquisadora bell hooks (2017) elucida que a educação é um campo vital na construção do indivíduo e para tanto a preocupação com as normas é algo assustador que remete a uma produção industrial fordista e não dá espaços para o erro, as dúvidas e possíveis pontos abertos. Tudo deve estar perfeito. Acerca disso, a pesquisadora pontua que é necessário ensinar a transgredir, mas a transgressão é uma prática de liberdade

por meio do campo da educação. O pensamento que proponho resgatar daqui aponta para o seguinte: toda transgressão é posterior a uma norma, logo pensar nos sentidos normativos é relevante para pensar a racialidade.

É por essa porta que decido entrar no prisma discurso: transgressão, norma, sentidos normativos. A pesquisadora Mónica Zoppi (2017), em seu texto “*Lugar de fala*”: *enunciação, subjetivação, resistência*, ressalta a importância de pensar os sentidos normativos nas instâncias do discurso, haja vista que ao pesquisar raça, gênero e classe na Ad materialista, a doutora em letras pensa para além dos sentidos hegemônicos e mostra como os efeitos desses sentidos estão alocados no âmago da sociedade.

Não se trata, portanto, de apontar para **a dominância de sentidos normativos, mas principalmente de descrever os pontos onde eles entram em crise, quando vozes/corpos historicamente silenciados ou interditados entram em cena**. Pensamos aqui na emergência de discursos nos quais os indivíduos são tomados como alvo de um processo de subjetivação gerando, ao mesmo tempo, um saber e um modo de falar sobre si. Neste sentido, debatemos o funcionamento da enunciação como constitutivo da subjetivação, analisando a materialidade da voz, do corpo e de um dizer de si na construção de um “lugar de fala” que se apresenta como eticamente e politicamente legítimo na luta contra identificações hegemônicas. (ZOPPI-FONTANA, 2017, p. 1 - Grifo Nosso).

Defronte da necessidade de contestar com os sentidos normativos que se propõem no campo social, a pesquisadora destaca que esses sentidos entram em crise quando não são validados por ações reais. Faço valer aqui as palavras de um MC Cabelinho (2019), na música *Poetas no topo 3.3. - Parte 1*: “A elite passa mal com a favela no topo, porque pra eles o meu funk é som de marginal. Favelado em horário nobre passando na Globo é a maior forma de resistência cultural. Se ele sobe atrás de droga invadindo o morro, por que também não faz assim em área de playboy? Vocês podem até querer incriminar meu funk, mas duvido que um dia eles caem minha voz⁵”.

⁵ Poetas no Topo 3.3 - Ogi, Bob, Rod 3030, Rashid, **Mc Cabelinho**, L7NNON, Kayuá, Azzy, DK47, Mv Bill: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3YScGZy3wVs&t=4s&ab_channel=PineappleStormTV>. Acesso em: 06 de outubro de 2021. (8min,30seg)

Ao perceber que os papéis prescritos para os negros desde a abolição da escravatura com leis que não permitiam a compra de terras⁶ e criminalizam o desemprego⁷, a formação social brasileira legitimou a prática do silenciamento, do encarceramento em massa dos corpos negros. Por isso que a fala, a denúncia e a enunciação do oprimido, quando versa o destaque, tencionam mudanças. Esses corpos e vozes negras estão sendo silenciados desde a fundação desse país, é necessário retirar, deslocar o corpo desse lugar relegado ao esquecimento e pô-lo em evidência, pois o corpo também é discurso. Ponto este que vai ser destacado por Cestari (2017), pensando o silenciamento dos corpos e a relevância do estudo atrelado a tomada de decisão da Análise do discurso quanto a pauta antirracista.

A respeito do corpo, Luiz Rufino n'*As flechas no tempo: a educação como encanto*, ao lado de Luiz Antônio Simas, aponta que:

Spinoza pergunta: - até onde o corpo pode responder? E (mestre) Pastinha fala: - o corpo é tudo que pode se criar. Tudo deriva do corpo. Pastinha fala isso, inclusive, numa outra, numa máxima específica que ele fala: a capoeira - fazendo menção a capoeira como uma esfera de saber, como uma esfera de pensamento. Inúmeros capoeiristas pensavam a capoeira. E certamente isso é recorrente no samba, no jongo, enfim, no candomblé, e em tantas outras culturas como uma esfera da existência. Como uma esfera da existência enquanto prática. Né? Não meramente como uma manifestação, como uma dança, um jogo simplesmente. Não, eu estou falando da minha existência eu estou falando do meu complexo de entendimento do mundo. Então mestre Pastinha fazia isso direto. E quando questionado sobre o que era a capoeira ele falava: a capoeira é tudo que a boca como é tudo que o corpo dá. **Reivindicando esse debate ético, sobre o lugar de presença desses outros orientados por outras perspectivas de mundo que foram submetidos a um não-lugar a partir do fundamento da raça** (RUFINO & SIMAS, 2018, h:1:00:50).

O corpo, o discurso e a ideologia dominante. No último período do trecho da palestra é possível perceber como a palavra que também é corpo, que também é discurso, pode ser interpelada por discursos dominantes e no que lhe concerne, interpelar os sujeitos. Nisso, a

⁶ Por: Eduardo Lopes. Como a Lei de Terras perpetuou a opressão dos negros. Disponível em: <<https://mercadopopular.org/politica/como-lei-de-terras-perpetuou-opressao-dos-negros/>>. Acesso em: 06 de outubro de 2021.

⁷ Por: Marina Vieira de Carvalho, **Vadiagem e Criminalização: a Formação da Marginalidade Social do Rio de Janeiro de 1888 a 1902**. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Marina%20Vieira%20de%20Carvalho.pdf>>. Acesso em: 06 de outubro de 2021.

imagem que fica e é resultado dessa interpelação ideológica é de um corpo sendo atravessado por um objeto, mas sem este objeto transpassar. Entendemos a interpelação como um atravessamento que não atravessa, mas fica. Para tanto, é notável como os corpos negros foram relegados a este não-lugar e como raça foi um dispositivo ideológico que auxiliou isso.

Acerca da interpelação ideológica, o pesquisador Rogério Modesto entende que: “É interpelar pela denúncia, e aí a denúncia passa a ser um dispositivo de interpelação, uma ferramenta disponível ao sujeito para produzir identificações” (MODESTO, 2018, p. 135). Essas formas de identificações, que subjagam o outro e delegam a esse outro que é negro, como marginalizado e culpado, já que vivemos em tempos que escancaram esses racismos institucionais⁸, é preciso pensar para além das amarras que nos impuseram. “Não há ideologia sem sujeito nem sujeito sem ideologia”, a Análise do discurso de viés materialista marca bem isto.

Tendo em perspectiva isso, Modesto ainda aponta:

Na evidência que interpelação ideológica busca produzir, sentidos em disputa marcam a questão que atravessa as tensões raciais e o modo como o sujeito-negro se elabora como negro. Se um grito é lançado para dar a ver que o negro é negro, a apropriação desse grito, por esse que sofre com tal estímulo em terceira pessoa, é também uma desapropriação dos sentidos primeiros que dão lugar a sentidos alhures. Uma desapropriação nada fácil de se produzir, vale pontuar, porque a reelaboração do corpo negro que permite a desestabilização das sinonímias racistas que se impregnam ao significante negro vem, em geral, a partir de um processo de lutar, de dor, de resistência, de sangue (MODESTO, 2018, p. 143).

Para descolar esse corpo do lugar de subalternidade ao qual Modesto elucida, é relevante integrar a luta acadêmica, teórica, da educação à luta política. Entendendo aqui como o corpo ainda compreende esse espaço de marcação.

Em um dos escritos mais recentes, Modesto (2021) recorre às apreensões de Orlandi (2008) acerca da constituição, da formulação e da circulação dos discursos. Acerca disso, é crucial pensarmos como cada discurso incide na realidade, representando-a a partir das

⁸ Juíza cita raça ao condenar réu negro por organização criminosa: Inês Marchalek Zarpelon, da 1ª Vara Criminal de Curitiba, afirmou na decisão que '**seguramente integrante do grupo criminoso, em razão da sua raça,** agia de forma extremamente discreta'. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2020/08/12/juiza-diz-em-sentenca-que-reu-negro-era-seguramente-integrante-de-grupo-criminoso-em-razao-da-sua-raca.ghtml>> . Acesso em: 06 de outubro de 2021.

construções individuais e coletivas de cada sujeito. Dessa forma, a gênese do discurso que fomenta a ideia de raça está entrelaçada com a formação da sociedade capitalista

Assim, enquanto um adepto da formulação de Stuart Hall, acerca das questões raciais, Modesto compreende que a ideia de Raça é uma ilusão, isto é, não possui respaldo nas ciências biológicas, todavia este conceito é mobilizado para distinguir os sujeitos socialmente e perpetuar os estigmas sociais — mesmo sendo um significante flutuante, ilusório, a ideia de raça estimula as desigualdades sociais.

Diante disso, Modesto (2021) ressalta que os discursos racializados partem de uma tensão, pautada na racialidade, que constrói e é construída, de forma dialógica, na formação social brasileira. E, dessa forma, corrobora na manutenção de discursos dominantes que reproduzem entendimentos sociais que vedam sujeitos e processos de identificação.

É válido adicionar aqui ainda o pensamento de Cestari:

Um corpo que é discurso e que se faz presente tanto na escrita quanto na oralidade, nas interlocuções face a face de um encontro político ou em um texto acadêmico no qual o *eu diz como* mulher negra, compreendendo que as projeções imaginárias funcionam na interlocução discursiva quando se vê ou não este corpo. Concluo então, que o dito projeta visualmente um corpo e o dizer; **cada enunciação é um gesto de visibilidade** que constitui a voz e o corpo ressignificado de mulheres negras (CESTARI, 2017, p. 193 - Grifo Nosso).

O corpo enuncia, denuncia e anuncia. É a partir da corporeidade que vem a revolução, cada gesto e tomada política mostra e deixa em evidência a visibilidade. Desse prisma analítico é possível pensar que a ideologia de raça, a ideia de raça, que de perto não só nos rodeia, mas que nos interpela, é inexistente no campo de confirmação científica e de baliza argumentativa, e de perto e de longe raça se mostra como um significante flutuante que pode ser utilizado na luta política, mas que deve ser mirado de um ponto de vista que objetive a nossa saída da grande noite, o dia no qual negros serão seres humanos e não sub-humanos.

2 **Microcorpus sob análise**

Para exemplificar a relevância da AD de vertente materialista para um exercício de análise, tomando por base um evento que mobilizou grande parte dos perfis de Instagram que

militam pela causa negra: a ida do Ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao podcast *Mano a Mano*, cujo entrevistador oficial é um dos nomes do grupo de Rap Racionais MC's. Segue abaixo um trecho icônico da conversa que precisa ser analisado:

Mano Brown: - Racialmente você se ver como?

Lula: - Era assim que era.

Mano Brown: - A descrição do Lula por ele mesmo.

Lula: - O Lula. Eu sou o Lula. Eu sou o Lula do Jeito que eu sou. **Eu sou preto, eu sou branco, eu sou qualquer coisa. Eu sou um ser humano.**

Mano Brown: - Sim.

Lula: - Eu sou um ser humano que tenho noção da minha irmandade com todos aqueles que pensam diferente de mim, que tem cores diferentes de mim, que tem religião diferente de mim, que torce por time que massacra o meu Corinthians. Sabe? Eu sou igual a todo mundo. Eu trato todo mundo muito bem.

Mano Brown: - Sabe por que eu te falo isso? Por quê? Porque há uma discussão dentro do nosso movimento: “o Lula é o quê?” Ele é branco? Ele é negro? Ah, o Lula é **pernambucano**, sendo assim ele é **mestiço**, sendo mestiço ele é todo mundo.

Lula: - É você lembrar para essas pessoas que eu fui eleito pelo presidente do Senegal, o primeiro presidente negro da história do Brasil.

(Recorte do diálogo entre o Mano Brown e o ex-presidente Lula, na hora: '1.12.23, do podcast original *Spotify, Mano a Mano*, 2021)

Ao ser indagado pelo entrevistador, o ex-presidente apela a um humanismo, como resposta a esta pergunta. A relação de sinonímia que o Lula tenta instaurar entre “Preto” e “Branco” é linguisticamente impossível, visto que os termos são antônimos, e não possuem uma base semântica de aproximação e sim de distanciamento; e quando pensamos em uma relação social esses termos diferem ainda mais, levando em conta a marginalização ou valorização, respectivamente, dos sujeitos no mundo que os termos evocam. O preto é socialmente visto como a face da selvageria, brutalidade e marginalidade, enquanto o branco é visto enquanto o civilizado, de boa conduta. Sendo assim, há uma disparidade muito grande sobre os sentidos dos termos no mundo e os efeitos que esses podem causar socialmente — reprodução e manutenção de discursos que discriminam e inferiorizam a população negra, construindo barreiras geográficas e, conseqüentemente, sociais. E chegamos no que podemos dizer que, o discurso humanista não dá conta de extinguir as mazelas sociais impostas aos negros.

Na figura do sujeito com várias camadas políticas-partidárias, essa fala denuncia mais do que se pode enxergar em um primeiro momento. Sabe-se que no âmbito da construção

ideológica, o partido ao qual o ex-presidente ainda está filiado abrange boa parte dos progressistas e centro-esquerda, haja vista que não se configura com um partido de extrema-esquerda, já que não visa a socialização dos meios de produção nem a ascensão dos proletários ao poder pela revolução socialista-comunista, palavras que precisam ser lidas no sentido primevo, no qual o pensamento foi cunhado. O Partido dos Trabalhadores (PT) está mais para um partido de centro que age com propostas sindicalistas e remedia boa parte das mazelas sociais, porém não é um partido de extrema-esquerda, embora esteja nesse espectro político, porém de centro.

Quando analisamos outra relação na entrevista, questionamos agora a tentativa de paralelismo semântico entre os termos “Pernambucano” e “Mestiço”, proferida por Mano Brown. No caso citado, esse paralelismo tenta tomar forma de um espaço social representativo. Trazendo correlação à metáfora conceptual, ou fossilizada, “todo brasileiro é mestiço”, logo, “todo pernambucano é mestiço”, pois “todo pernambucano é brasileiro”. Em uma relação semântica, totalmente estrutural, sem preocupações sócio-política-históricas, seria uma verdade incontestável. No entanto, dizer que o Lula é preto, ou mestiço, como é mencionado, é voltar novamente ao discurso do humanismo — sem reais ações de desmistificação e emancipação racial.

Tendo em perspectiva isso, para esse espectro político assimila as questões de desigualdade social, e, ao perceber isso, fica mais evidente que a fala do presidenciável em 2021 adere não só ao humanismo, mas ao descrédito que o espectro político da esquerda possui, quando a temática engloba as questões raciais. Valendo-se dessa construção histórica para pensar no quesito raça, torna-se evidente a falta de interesse do locutor na temática racial.

Notas finais

Para compreender raça e como essa ideologia que significa de modo flutuante, é relevante pensar em diversas florestas teóricas, já que a figura do campo é problemática, pois anuncia um espaço domesticado. Sendo assim, percebe-se a relevância de um dispositivo inter-multi-transdisciplinar que compreenda pensadores das Ciências Sociais e dos Estudos Culturais; além de ser necessário acionar conceitos advindos da Análise do discurso, tais

como: discurso dominante, hegemonia. Essa encruzilhada epistêmica evoca a complexidade temática.

Diante dos pressupostos teóricos mobilizados, é possível perceber que a coluna dorsal desse artigo recorre à Análise Materialista do Discurso, bem como aos Estudos Culturais para compreender de forma holística os eixos temáticos que fomentam a noção de racialidade. Assim, a noção de raça é fundamentalmente discursiva, haja vista que as ciências usadas com o viés hegemônico não efetivaram os discursos teóricos-metodológicos que fundamentassem a noção de raça alicerçada em um aparato complexo e científico. Deste modo, a percepção de raça sustenta-se no discurso, logo, sob a ótica materialista, a compreensão de raça parte de uma dialética latente entre o Eu-Outro. Para tanto, racialidade surge enquanto um conceito teórico discursivo.

Evoco algumas palavras reticentes do músico Emicida, em uma entrevista com o filósofo Silvio Almeida, quando ele menciona que “o racismo irá morrer gritando”. É uma fala potente, pois, de algum modo, remete ao pensamento de Achille Mbembe sobre o negro e “a saída da grande noite”. A morte do racismo, em todas suas interfaces, enquanto violência, é esta saída do manto de diferença que persiste em segregar.

Há uma frase dita pelo Rapper César Mc (2021), em seu lançamento mais recente, Dai a César o que é de César: “Racismo é o câncer estrutural. Esse fato não depende da sua opinião. Ou você coopera com essa estrutura. Ou você ajuda na demolição”. Seja pela arte, pela educação popular de base, pelos estudos em literatura, pelos movimentos de ensino, pesquisa e extensão, que dialogam com a dialética que visa a superação do racismo, do classicismo burguês e do capitalismo selvagem.

Dedico esse texto a todos os seres que pesquisam essa temática e assinalam, teoria aliada a prática, na luta antirracista e na luta anticapitalista: essa estrutura irá ruir, não pare!

Referências

APPIAH, Anthony. Na casa de meu pai. *A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

CESTARI, Mariana J. Por uma tomada de posição feminista e antirracista na Análise de Discurso. In: ZOPPI FONTANA, Mónica; FERRARI, Ana Josefina. (Org.). *Mulheres em*

discurso: identificação de gênero e práticas de resistência. Campinas: Pontes, 2017, p. 183-203.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. *Raça, o significante flutuante*. Tradução de Liv Sovik, em colaboração com Katia Santos. Rio de Janeiro. Revista Z Cultural, n.2, ano 8, 2015a

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LACAN, Jacques. *Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. RJ: Jorge Zahar Ed, 1979.

MANO A MANO: *Mano Brown recebe Lula*. Entrevistado: Ex-presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva. Entrevistador: Mano Brown (Pedro Paulo Soares Pereira) 09 set. 2021. Podcast: Original Spotfiy. Disponível em: <<https://open.spotify.com/embed-podcast/episode/0tlWq1FO7REyWexaI16Iz5>>. Acesso em: 24 set. 2021.

MODESTO, Rogério. *Interpelação ideológica e tensão racial: efeitos de um grito*. In: Revista Littera, v. 9, n. 17, 2018, p. 124-145.

MODESTO, R. *Os discursos racializados*. Revista da ABRALIN, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–19, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1851>. Acesso em: 30 abr. 2024.

ORLANDI, E. *N/O limiar da cidade*. In: Rua, num. esp. Campinas: Nudecri/Unicamp, 1999.

ORLANDI, Eni. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes Editores, 2008.

RUFINO, Luiz. *Minicurso "Pedagogia das Encruzilhadas" com Luiz Rufino*. Youtube, 14 de dez. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=il0mhfDcAIg&t=4097s&ab_channel=Drag%C3%A3odoMar>. Acesso em: 08 de set. 2021.

RUFINO, Luiz. SIMAS, Luiz Antônio. *Flechas no tempo: a Educação como Encante*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dXh7SxfBQUE&t=3652s&ab_channel=MuseudeArte doRio>. Acesso em: 06 de outubro 2021.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein Cultrix, São Paulo: 1975.

ZOPPI FONTANA, Mônica. *"Lugar de fala"*: enunciação, subjetivação, resistência. In: Conexão Letras, UFRGS, Porto Alegre, v. 12, 2017, p. 63-71.